

## LA LIORONA: MITO E CONTEMPORANEIDADE

Mestranda: Denise Aparecida do Nascimento– (UFSJ)<sup>1</sup>  
Dra. Adelaine LaGuardia Resende (UFSJ)<sup>2</sup>

**RESUMO:** *O objetivo da presente comunicação é analisar a lenda latina de La Llorona buscando descrever, à luz das reflexões de Mircea Eliade, como os mitos e as lendas, ao invés de serem criações aleatórias, surgem da necessidade de explicar, ensinar e muitas vezes punir certas ações humanas. Neste sentido, importa perceber o valor da lenda da Llorona presente no imaginário de algumas culturas de origem hispânica, como a porto-riquenha e a mexicana na contemporaneidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Mito, La Llorona, literatura latina.*

### INTRODUÇÃO:

Um dos maiores conflitos do homem contemporâneo é a sensação de estar à deriva de algum lugar, de não se reconhecer dentro de determinado grupo, de não ter mais referências culturais. Isso porque o indivíduo vive em uma sociedade que faz e desfaz a todo o momento essas mesmas referências. O fenômeno da globalização – que surgiu com o propósito de, economicamente, moldar a dinâmica de produção de bens de consumo em todo mundo, unindo assim os povos, sem fronteiras, tornou-se imperativo, avançou limites e transformou o mundo em uma “grande aldeia”. Dessa forma, conectadas, as culturas se misturaram. Neste quadro, a realidade torna-se paradoxal, uma vez que, ao promover o contato entre culturas distintas, promove também um confronto entre o global e o local. As sociedades tornaram-se “móveis” e, conseqüentemente, seus valores e símbolos.

Nessa perspectiva pensamos o mito de La Llorona como elo de comunicação entre as culturas latino-americanas, uma vez que essa lenda – entendendo lenda como a narração do mito, e mito como a representação simbólica de fatos reais e ou imaginários que são transmitidos de geração para geração - ocorre em vários países do continente. Funcionando como ponte de um mundo sem obstáculos para a imaginação, a lenda se desloca, e desloca igualmente os elementos de um universo fantástico que unifica as culturas. Assim, a

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São João del Rei. Programa de Mestrado em Letras (PROMEL). Teoria Literária e Crítica da Cultura. deninasc@terra.com.br.

<sup>2</sup> Universidade Federal de São João del Rei. Programa de Mestrado em Letras (PROMEL). Teoria Literária e Crítica da Cultura. mletras@ufs.edu.br.

separação entre os povos promovida por suas respectivas diferenças diminui diante da ponte cultural estabelecida pela lenda.

Nesta comunicação, pretende-se destacar o importante papel que o mito desempenha na formação cultural e social de dois países, especificamente, Porto Rico e México. Consciente dos limites que o tema *mito* impõe, nossa abordagem se manterá restrita ao mito de La Llorona e na reestruturação de seu significado nas diferentes culturas em que é conhecida.

A palavra mito vem do grego *mythos*, que quer dizer fábula, lenda; na forma latina tem o sentido de contar, narrar, relatar algo. Desde a antiguidade o homem tem tentado chegar à verdade das coisas, conhecer o mundo, obter repostas através de sua posição de sujeito curioso diante de símbolos emitidos pelo próprio mundo. De acordo com Mircea Eliade (1989), na Grécia antiga, o homem tinha como critério de verdade e fé a crença nos fenômenos naturais, e estabelecia uma relação com o mundo através de ritos. O mito representava uma “história verdadeira” e como tal era respeitado. Só no Ocidente e com o cristianismo, o mito passou a ser relacionado à mentira e à ilusão; sentido que chegou aos tempos modernos. Contudo, os mitos “estão ainda vivos e fundamentam e justificam todos os comportamentos e atividades humanas” (ELIADE, 1963, p.12).

O mito não surge do nada, sua origem ou localização temporal relaciona-se com a sociedade que o pronuncia. E isso acontece com o mito de La Llorona, cuja ressignificação simbólica concorda com as diferentes culturas em que está integrada. Mitos e lendas sofrem variações na medida em que são transmitidos de geração para geração; perdem detalhes e outros lhe são acrescentados. Sua função está associada ao intento de promover conhecimento, disciplina e punição. Desta forma, entende-se o mito enquanto “fala” como sugere Roland Barthes, mas “não uma fala qualquer” (BARTHES, 1989, p.131), mas uma fala significativa, que necessita de limites históricos, condições e contextos sociais específicos para ser válida.

## **1-Variações do mito: a lenda *ad infinitum*...**

Pode se dizer que o mito de La Llorona é o mais conhecido na América Latina. Para os mexicanos, por exemplo, é uma lenda tão importante que mesmo os *chicanos*, descendentes de mexicanos que vivem nos Estados Unidos, afirmam não só acreditar, como também terem visto o fantasma de La Llorona nas margens do Rio Grande, que separa o México dos Estados Unidos.

As lendas que impressionaram os europeus chegados no México no século XVI e as que surgiram nos anos seguintes à conquista podem ser consideradas a semente da moderna narrativa hispânica. Em *Leyendas Mexicanas de Antes y Después de la Conquista* (1998), Carlos Franco Sodja afirma que após a conquista, os indígenas e colonizadores participaram se saber de uma experiência que conduziu à formação de uma nova nação. As lendas surgidas então, são partes de um sincretismo que caracteriza a nova raça: a mestiça.

Existem várias versões do mito de *la llorona* em quase toda a América latina, com variações que ocorrem de acordo com a mensagem que se pretendeu passar diferindo somente nas manifestações, na aparência e na forma. A título de curiosidade, podemos citar algumas versões: na Guatemala, diz-se que o fantasma é o de uma rica e gananciosa mulher que no passado ao enviuar-se ficou pobre e num gesto de loucura matou afogados seus

dois filhos e se matou. Dizem que seu espírito nunca descansou e retornou para lamentar eternamente por seus filhos. Esta história é contada ainda hoje, para as meninas que sonham com uma vida glamourosa; em Honduras, na América Central, o mito é conhecido como *La Cinguanaba* que quer dizer “fantasma de mulher”. Reza a lenda que uma bela jovem casou-se e após ter seu primeiro filho ficou enciumada de ver o amor do marido pelo bebê. Então se recusou a amamentá-lo, e a criança faleceu. Abandonada pelo marido e arrependida do crime, a moça se mata, mas seu fantasma passa a perambular pelas ruas da cidade gritando em noites de lua cheia: “*Toma mi teta que soy tu mamá*”. Tradicionalmente, os maridos não se aproximam de seus filhos até que a criança tenha alcançado um mês de vida, é o tempo que uma mulher, na cultura de Honduras, leva para se acostumar com a presença de uma criança em casa. Na Venezuela, é conhecida como *La Sayona*, um espírito que vaga para se vingar das infidelidades masculinas, vestindo sempre uma saia longa e branca. Diz a lenda que uma mulher, ao se descobrir traída, matou o marido e sua amante e em seguida, se matou afogada. Dizem que esse fantasma só aparece para homens comprometidos e que se encontram em ruas ermas das cidades ou em estradas. Ela se materializa numa mulher de corpo escultural, pede um cigarro e os convence a dar uma volta. Nunca mostra a face e se o homem tenta ver seu rosto percebe que é apenas um crânio com dentes horríveis. Normalmente, diante de tal quadro, o homem perde os sentidos e a memória por algum tempo. E no Brasil sua variante chegou como a “mulher de branco” que, segundo consta, foi uma noiva abandonada nas vésperas do casamento. Então humilhada, a moça se mata, mas passa a eternidade à busca de um noivo. O fantasma é descrito como uma bela moça que aparentando ser real e de grande beleza física, atrai os homens nas noites e os convence a acompanhá-la até sua casa, e invariavelmente desaparece quando chegao portão de um cemitério, deixando o candidato aturdido.

Mas a versão que parece ser a mais antiga e original é a quem vem do México, datada do século XVI e tem suas raízes na mitologia dos antigos mexicanos. A história conhecida diz tratar da deusa *Coatlicue* que aparecia vestida em ricos trajes para fazer profecias. Uma delas seria a da conquista do México pelos espanhóis, e que tal deusa já previa que o grande responsável dessa tragédia seria uma mulher. O documento oficial do país registra a história de *La Malinche* como doña Marina, uma jovem mexicana que falava maia, além de sua língua e por isso foi entregue como escrava ao conquistador Hernán Cortés. Esta, além de tradutora, tornou-se sua amante. Por conseguinte, foi considerada traidora por seus compatriotas. Depois da conquista, Cortés desprezou *Malinche*, pois já não precisava de seus serviços. Também, a coroa espanhola, temendo Cortés e seu império que se formava, desejava sua presença na Espanha. Para tanto, mandou uma bela espanhola para seduzi-lo. Cortés regressa então á Espanha levando consigo os dois filhos que tivera com *Malinche*. Traída, a índia tentou fugir com os filhos, mas ao se ver encurralada, apunhalou-os e jogou seus corpos no rio. Arrependida de seus atos, *Malinche* passou o resto de seus dias chorando pelos filhos mortos dizendo: “oh! hijos mios”, o que os mexicanos também interpretam como sendo o lamento pela traição ao seu povo. Desde sua morte dizem que nas noites mais frias pode-se ouvir o choro de *Malinche*, e que este choro segue até as margens do lago Texcoco, no México, onde desaparece (SODJA, op.cit.).

A manifestação desse mito na atualidade possui um caráter moral e histórico para todos descendentes mexicanos. A escritora *chicana* Glória Anzaldúa em seu clássico *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1999), faz referência à deusa *Coatlicue* e à *Malinche*, a santa e a perversa; significando que saber a história e o passado de sua herança indígena resulta nos questionamentos que propõe em seus trabalhos. Através do mito,

talvez, se pode encontrar uma forma de reivindicar uma identidade indígena solapada pela chegada e ocupação européia. É através das lendas e dos mitos que os mexicanos retornam e recuperam suas histórias, tradição, memória, enfim toda a herança asteca pré-conquista.

Outra versão que nos interessa é a que vem de Porto Rico. Reza a lenda que uma jovem campesina chegou na cidade atrás de trabalho a fim de ajudar os pais já velhos e muito pobres. A moça se empregou na casa de uma família rica e “estrangeira”. Logo foi seduzida pelo o filho dos patrões e ao se descobrir grávida é abandonada pelo rapaz e demitida do emprego. Sem ter para onde ir, regressa para casa e esconde a gravidez dos pais que eram muito religiosos e com certeza cobrariam dela por seu erro. Quando então sente as dores do parto, a moça se dirige para as margens do *Rio Rojo* e após dar a luz joga o bebê nas águas. Mas ao perceber seu ato se joga atrás da criança gritando e chorando e nunca mais é vista. Todavia em noites de céu claro, acreditam, que em altas horas é possível ver uma névoa em forma de mulher percorrendo as margens do rio e pode-se ouvir também seu lamento, clamando por seu filho.

Em Porto Rico, o *Rio Rojo* é um local sagrado pois segundo a crença seu curso é ao redor das montanhas sagradas onde a Virgem de Guadalupe surgiu. O local tem um significado especial para acontecimentos sem explicações, por isso não se questiona o aparecimento do fantasma lá, apenas se respeita. Neste quadro a escritora porto-riquenha Judith Ortiz Cofer, em seu livro de memórias *Silent Dancing: a partial remembrance of a Puerto Rican childhood* (1990), também se apropria dessa lenda ao fazer referência a um fato ocorrido no passado da ilha, quando sua mãe ainda era uma menina. No penúltimo capítulo de seu livro Ortiz Cofer narra a história de Marina, um rapaz que se passa por mulher e encontra seu verdadeiro amor na jovem Kiki, quando esta se banhava no Rio Rojo junto com outras adolescentes do bairro em que morava em Porto Rico. A história de como Marina acabou sendo Marino, ou “aquilo que realmente era, mas não parecia ser” tem em seu centro a temática da diferença sexual, a exclusão e o selenciamento, uma vez que o rapaz fora criado como uma menina para ser mais fácil de controlar. Enquanto Marina, a menina não tinha permissão para se banhar no rio junto com as amigas, não podia se expor para que não fossem descobertas suas diferenças até que conheceu Kiki e o amor. A autora se apropria da lenda para falar em transformação e de morte, pois é no *Rio Rojo* que a jovem da lenda mata seu filho e se mata, e é no mesmo rio que Marino mata Marina- a filha idealizada por sua mãe-, mata também uma identidade que não reconhecia e retorna Marino, para recuperar tudo que perdeu. Embora a história de Marino não seja ficção, Ortiz Cofer dela se aproveita para fazer nova leitura das significações simbólicas que orientam as transformações do ser humano .

Enfim, observando as diversas formas de se narrar o mito de *La Llorona* percebe-se a tradição oral que cruza tempo e espaço, mas que nesse movimento não perde seu valor significativo. Os mitos carregam um significado sempre vivo, que se faz presente no modo como se conta uma história. Não se pode apontar um autor para a lenda, mas pode-se afirmar que ela surge na coletividade para fornecer explicações, sanar ou responder os problemas da sociedade em que se manifesta. Percebe-se que o mito muda de aspecto e mantém a sua função. A lenda não nega a razão, mas apodera-se dela de tal forma que a recria e a transcende suscitando, desse modo, diversa realidade em diferentes “mundos” onde é narrada. O mito de *La Llorona* continua vivo porque as más ações do homem também continuam. Não é o fantasma do passado que assusta, mas muitas vezes o ensinamento que ele proporciona no presente e o presságio do futuro.

É interessante perceber que desde priscas eras foi reservado para a mulher características ditas “naturais” que as constroem em seres passivos, submissos e frágeis. Essas características ao serem ora aceitas, ora rejeitadas pela mulher, contribuíram para fazer dela uma criatura dúbia de aspecto enigmático e possuidora de poderes obscuros.

A lenda de La Llorona, por exemplo, choca aos adultos e amedronta as crianças a partir do momento em que ela rompe com a figura da mulher-mãe idealizada. Idealizar a mulher como pura e impecável é também uma forma de dominar e reprimir. Neste quadro a mulher é vista como a representação do mau, da perversão e da transgressão. Cada versão da lenda contribui para perpetuar a imagem paradoxal da mulher, herdeira de Eva ou Maria. Às vezes é sedutora e demoníaca ou amável e materna.

La Llorona carrega consigo a visão antagônica da mulher que habita o imaginário coletivo. Enquanto seu lado Eva obedece às pulsões do prazer e da morte, seu lado Maria gera, pari e até dado momento cuida de seus filhos, o que a mantém nos liames do divino e do infernal. Neste sentido, a lenda representa a ambivalência simbólica que cerca a figura da mulher, sendo aquela que gera a vida, e que também pode promover a morte, reunificando assim a polaridade: vida e morte.

## **2- Mito e Contemporaneidade**

O homem atual busca formas de se identificar com a sociedade em que está inserido, e a sociedade, por sua vez, em sua multiplicidade, tenta satisfazer esse indivíduo, oferecendo bens produzidos pela indústria cultural num mundo globalizado. Ou seja, à medida que as culturas se expõem e interagem, suas diferenças vão se reduzindo cada vez mais e o sujeito em contato com várias culturas distintas percebe-se perdido em suas próprias referências. Nesse contexto, compreende-se o valor da memória enquanto agente apto a restabelecer um vínculo entre o povo, seu passado e sua cultura, e a lenda de La Llorona exerce essa mesma função nas culturas porto-riquenha e mexicana.

Os sujeitos contemporâneos, entendidos como indivíduos ativos, autores de suas próprias escolhas, não percebem o mundo desvinculado dos avanços tecnológicos. Os meios de comunicação de massa trabalham sobre os desejos e anseios que existem no nosso inconsciente. Segundo Canclini (1999) o crescimento vertiginoso das tecnologias audiovisuais de comunicação estabelecem outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber direitos e deveres. Como se sabe, o filósofo vincula cidadania ao consumo e questiona até que ponto o ato de consumir bens (simbólicos e materiais) não significa reelaborar o papel de ser cidadão em um mundo unificado. Compreende-se aqui o consumo também de forma mais abrangente, não apenas restrita a bens materiais, mas também de bens imateriais (mitos, lendas, folclores e hábitos culturais). Assim, ao consumir, o sujeito se integra na sociedade, pois ser cidadão hoje, não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais, mas também com as práticas sociais e culturais que dão um sentido de pertencimento a um mesmo grupo. O maior acesso aos bens materiais e simbólicos é resultante do processo de abertura das fronteiras nacionais e acompanha um exercício global e pleno da cidadania. Entende-se assim como “consumo cultural” a importação ou a troca de mitos e lendas entre as culturas.

Apesar do mundo tecnológico, a propagação do imaginário coletivo, aqui representado pela lenda de La Llorona, dá o tom da relação entre as culturas, entre o local e

o global. O contato das culturas através das várias narrações da lenda, cada uma respeitando o contexto em que atua, adquire sentido e se identifica com aquela coletividade. As identidades e as culturas são móveis; deslocam-se, viajam, acentuando seus caracteres ou hibridizando-se com a cultura receptora; a desterritorialização, no lugar de apagar ou esfumegar aspectos das culturas, no contexto globalizando, as revalorizam.

Neste sentido, os mitos e lendas vêm preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoragem do sentido de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das sociedades contemporâneas ameaçadas pela união global. Conseqüentemente, a literatura oral, produzida nessas circunstâncias é marcada pelo desaparecimento do “eu” individual em detrimento de um “nós” admitidos por participarem dos “mesmos referentes de ordem biológica, histórica, cultural e social” (BERND, 1990, p. 14).

O mito de Llorona é antigo, mas seu sentido não é eterno, uma vez que o teor de sua história vem sofrendo mudanças no decorrer dos tempos. Contudo, observa-se o desejo de avaliar alguma conduta impressa em cada versão. A tendência é continuar se manifestando, pois sua continuidade, ainda que seja reformulada pelas diferentes culturas, preservam o valor simbólico para expressa formas de convivências, visões do mundo, que implicam uma continuidade das relações sociais. A interpretação dos mistérios da lenda liga nossos problemas de vida moderna aos dos povos antigos.

O ser humano é bastante limitado e pode somente ver aquilo que está na frente de seus olhos, mas as sabedorias das idades representadas nos mitos e nos símbolos religiosos têm sem dúvida uma visão mais ampla, um alcance maior que o de qualquer indivíduo. Se pudermos entender seus ensinamentos corretamente, eles podem tornar-se para nós como guia, no sentido de uma seta indicadora, que aponta o caminho como o fez para os nossos predecessores (HARDING, 1985, p. 24).

Dessa forma é importante ir além das aparências e buscar-lhes o significado, quer dizer, a parte abstrata, que representa cada manifestação do mito. O homem moderno, tanto quanto o da antiguidade, não é só razão, mas também afetividade e emoção.

Em um sentido contemporâneo, compreendemos que mito é um sistema criador de significações, e a modernidade é arbitrária na relação entre significante e significado, isto é, o mito não é um objeto que se possa definir, ele é uma forma de significação, portanto busca-se interpretar o modo como profere o objeto. Assim as significações são atribuídas aos desejos de acordo com a relação entre sujeito e objeto. Pois, só se pode tomar a significação do objeto, no caso o mito, pela experiência que se tem dele (BARTHES, 1989).

Pensando uma sociedade em que grande parte do material cultural é disseminado pelas indústrias do cinema, tv e música, o mito transpõe a cultura de massa, generaliza-se, torna-se assimilável a toda e qualquer significação social. Na sociedade moderna o mito encontra-se degradado e foi obrigado a mudar de “forma” a fim de assegurar sua sobrevivência.

## **Considerações Finais**

A pluralidade cultural em que se encontra o mundo contemporâneo, constitui o que entendemos por “hibridismo cultural” em seu processo contínuo. O homem atual, neste mundo globalizado, precisa estar sempre disposto a (re)aprender a se reconhecer enquanto sujeito capaz de discernir, questionar e de experimentar todos os fenômenos que constitui a atualidade; deve perceber também que as sociedades contemporâneas e suas transformações são frutos das transformações humanas, por isso elas também se constituem tal como um organismo vivo, a queda das fronteiras que as separam (geográficas e simbólicas) não podem ser entendidas apenas como a mundialização do capital, também como um processo de natureza histórico-cultural que tornam essas mesmas fronteiras porosas, gerando novas práticas de relações entre as comunidades. Nesse jogo paradoxal as culturas se aproximam e se repelem, ora promovem a (re)definição da identidade, ora tenta preservá-la em sua totalidade. Em uma América de cultura híbrida, temos que ter consciência de nossa mestiçagem, sem sentimentos recalcados, mas dispostos a ressignificar constantemente os símbolos, os mitos e as lendas que dão sentido à noção de mentira e falsidade, o mito pode significar a reavaliação do passado e tornar-se caminho seguro para outros conhecimentos, pois o mito conta e reconta uma história. Une saber e identidade.

Tudo isso sugere a hipótese de que as mudanças nos modos de se narrar uma história não interferem no fato de que lendas e mitos fazem parte de um patrimônio cultural e por isso devem ser preservadas. Afinal é impossível negar Fernando Pessoa em sua afirmação de que *Mytho é o nada que é tudo*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- ANZALDÚA, Gloria. *Atravesando Fronteras — Crossing Borders*. In.: *Bordelands/ la frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- BARTHES, Roland. *O mito hoje*. In.: *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- COFER, Judith Ortiz. *Silent Dancing: A Partial Remembrance of a Puerto Rican Childhood*. Houston: Arte Publico Press, 1990.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Editora 70, 1989.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- HARDING, Mary Esther. *Os mistérios da mulher antiga e contemporânea*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- PESSOA, Fernando. *Os Castelos*. in.: *Mensagem*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- SODJA, Carlos Franco. *Leyendas Mexicanas de antes y después de la conquista*. México. Editorial: EDAMEX, 1998.
- SODJA, Carlos Franco. *Leyendas de Nuestra America*. México. Editorial: EDAMEX, 1997
- La Llorona. Disponível em:  
[www.Thecudronbrasil.com.br](http://www.Thecudronbrasil.com.br). Acesso em 30 de Jun de 2007.  
[www.mitologiaamericana.idoneos.com](http://www.mitologiaamericana.idoneos.com). Acesso em 30 de Jun de 2007.